

ALEXANDREA AD AEGYPTUM. PROTÓTIPO DE METRÓPOLE UNIVERSAL

José das Candeias Sales*

«A cidade de Alexandre», «a luz do mundo antigo», «a feitoria do mundo», «o templo do mundo», «a cidade amada dos deuses», «a amante do belo», «a terra das artes», «a pérola do Mediterrâneo», «a porta de África», «o trono apostólico» ... os inúmeros epítetos, mais ou menos metafóricos, usados para descrever as glórias da antiga cidade de Alexandria desfilam nos autores clássicos e medievais como uma litania de títulos que tenta dar conta das múltiplas facetas que a cidade conheceu e apresentou durante os séculos mais esplendorosos da sua existência.

Fundada em Janeiro de 331 a. C. por Alexandre Magno, na zona da antiga povoação egípcia de Rakotis, na embocadura ocidental do Nilo¹, Alexandria está, pelo seu nome e pela sua glória como grande cidade do mundo antigo, indelevelmente vinculada à figura do seu inspirador e fundador². Das inúmeras cidades fundadas pelo grande conquistador macedónico um pouco por toda a parte do seu imenso império, a Alexandria do Egipto foi a única que cresceu e prosperou e que subsiste no mesmo local de origem mantendo ainda a atmosfera do seu passado lendário, não obstante

* Universidade Aberta

¹ Cf. Michel Chauveau, «Rhakôtis et la fondation d'Alexandrie» in *Égypte, Afrique & Orient*, n.º 24, Centre Vaclusien d'Égyptologie, Villeneuve-les-Avignon, décembre 2001, pp. 13-16.

² Recorde-se que, de 334 a 332 a. C., Alexandre Magno realizou uma série impressionante de conquistas do mar Negro até ao vale do Nilo, que culminaria justamente com a fundação de Alexandria. Dessa forma, subtraiu ao jugo dos Aqueménidas grandes regiões de outrora como a Mísia, a Lídia, a Cária, a Paflagónia, a Frígia, a Pisídia, a Panfília, a Cilícia, a Síria, a Fenícia, a Palestina e o Egipto, bem como grandes cidades como Sardes, Éfeso, Priene, Mileto, Mégara, Halicarnasso, Biblos, Sídon, Tiro, Gaza, Mênfis, etc. (Cf. José das Candeias Sales, «As campanhas de Alexandre Magno e a definição de uma (nova) identidade político-cultural no final do séc. IV a. C.» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, III Série, n.º 1, Regiões/ Identidade, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 60, 76).

as inevitáveis modificações que o tempo e as sucessivas dominações políticas e culturais lhe infligiram³.

A fundação de Alexandria é, de facto, historicamente atribuída a Alexandre. Segundo Arriano, foi o próprio Alexandre quem «fixou os limites da cidade, o lugar onde se devia construir a ágora, o perímetro dos muros e o número de santuários e de deuses que neles se venerariam, incluindo não só os gregos, como também o egípcio, dedicado a Ísis⁴. Por seu turno, o relato de Plutarco sobre a fundação da cidade explicita que a localização exacta foi sugerida a Alexandre «quando à noite, dormindo, teve uma visão maravilhosa» por um ancião de cabelos brancos (identificado como sendo Homero)⁵ e que a marcação do traçado da cidade (feita com farinha) foi acompanhada por um extraordinário presságio: «subitamente, vêm do rio [Nilo] e do lago [Mareóti] inúmeras aves, de toda a espécie e grandeza, que descem sobre o local, como nuvens, e não deixam nem rasto da farinha»⁶. Tal augúrio perturbou o próprio fundador, mas os adivinhos tranquilizaram-no com uma interpretação favorável: a nova cidade a implantar naquele local asseguraria «abundância» e alimentaria «habitantes vindos de todos os países do mundo»⁷. Também Arriano⁸ e Quinto Cúrcio⁹ fixaram estes prodígios do momento da fundação de Alexandria, inscrevendo-a, assim, num destino excepcional de cidade predestinada¹⁰.

³ Há quem fale de 70 cidades fundadas por Alexandre com o nome de Alexandria. Há quem, porém, considere tal número um exagero e prefira outras cifras inferiores: 57, 34 ou 17 (Cf. Francisco Javier Gómez Espelosín, «Alejandría, la ciudad de las maravillas» in *Ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Ediciones Clásica, 1997, p. 64; Pierre Lévêque, *L'aventure grecque*, Paris, Armand Colin, 1964, p. 346; André Bernand, *Alexandrie des Ptolémées*, Paris, CNRS, 1995, p. 32; André Bonnard, *Civilização grega III. de Eurípedes a Alexandria*, Lisboa, Estúdios Cor, 1972, p. 192; C. M. Bowra, *Grécia Clássica*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1965, p. 168; J. M. Cook, *Os Gregos. Na Jónia e no Oriente*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, p. 161; Henri van Effenterre, *A Idade grega. 550 a 270 a. C.*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1979, p. 271; Matthieu de Durand, *História abreviada da Grécia antiga*, Lisboa, Editorial Notícias, 1993, p. 180. Vide também P. M. Fraser, *Cities of Alexander the Great*, Oxford, Oxford University Press, 1996).

⁴ Arriano, III, 5.

⁵ Plutarco, 26. No Pseudo-Calístenes (*Romance de Alexandre*), o ancião que apareceu a Alexandre era o próprio deus Amon e a visão teria ocorrido no santuário líbico de Siuah.

⁶ *Ibid.*, 26.

⁷ *Ibid.*, 26.

⁸ Arriano, III, 2, 1-2.

⁹ Q. Cúrcio, IV, 8, 6.

¹⁰ Entre os relatos antigos é notória uma importante discordância: enquanto Arriano e Plutarco colocam a fundação de Alexandria antes da visita de Alexandre ao oráculo de Siuah. Diodoro e Cúrcio colocam essa fundação após o regresso do conquistador do deserto (Cf. Peter Green, «Alexander's Alexandria» in *Alexandria and alexandrinism*, Malibu- California, The J. Paul Getty Museum, 1996, p. 8). Os informes de Quinto Cúrcio dizem-nos ainda que as muralhas da cidade tinham um perímetro de 80 estádios, isto é, c. de 14.800 m (Quinto Cúrcio IV, 8, 2).

Ao prático e experimentado olhar militar de Alexandre Magno não teriam passado despercebidas as enormes possibilidades estratégicas oferecidas pelo lugar, mau grado o desafio geográfico que tal empresa constituía (face à inóspita e perigosa costa e às deficientes características da terra para a agricultura)¹¹. Daí o seu directo envolvimento nas cerimónias de fundação que os escritores antigos mencionam. Como diz André Bernand, «Si Alexandre, en fondant Alexandrie, défiait la géographie, il agissait au nom de l'histoire»¹².

Objectivamente, para concretizar o antigo projecto de Filipe II, depois de se apoderar das cidades da costa siro-fenícia e de dominar, assim, o litoral leste do Mediterrâneo, retirando ao Grande Rei dos Persas as suas principais bases de apoio marítimo, Alexandre precisava de fazer do Egipto, mais particularmente da cidade a fundar, uma das sedes do seu poder. O primeiro grande passo (o domínio do litoral) estava dado e cumprido com sucesso. Faltava dar o passo seguinte: a edificação de uma cidade-pólo do império, voltada para o Mediterrâneo oriental, que servisse como centro militar marítimo para toda essa região¹³. O Egipto era o objectivo moral e estratégico de Alexandre¹⁴, tal como o plano de construção da cidade pode muito bem ser encarado como um produto das lições de Aristóteles, seu antigo preceptor¹⁵.

Seria, contudo, com o primeiro dos Lágidas, Ptolomeu I Sóter (305-285 a. C.), que a cidade cresceria, em dimensão e em população, e se implantaria como primeira cidade cosmopolita, internacional, atraindo Gregos e Persas, Macedónios e Judeus, Indianos e Africanos, Sírios e Anatólios, Mesopotâmicos e Gauleses, a «desnorteante variedade de raças e culturas» típica do período helenístico pós-Alexandre¹⁶. O impulso econó-

¹¹ Cf. André Bernand, *Alexandrie la grande*, Paris, Hachette, 1996, pp. 27-37.

¹² *Ibid.*, p. 49.

¹³ Cf. P. Green, *Ob. Cit.*, pp. 7-8, e François de Polignac, «L'ombre d'Alexandrie» in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C. Tous les savoirs du monde ou le rêve d'universalité des Ptolémées*, Paris, Éditions Autrement, 1992, p. 40.

¹⁴ Cf. Ashraf Iskander Sadek, «Alexandrie, fille de Rakotis et fruit des relations égypto-grecques» in *Le Monde Copte. Revue trimestrielle de la culture copte*, n.º 27-28, Paris, S. I. P. E., 1997, p. 10.

¹⁵ O livro VII de *A Política* de Aristóteles apresenta, de facto, considerações sobre a instalação de uma cidade, a repartição da sua população («estado ideal») e a construção de edifícios que podem ter plausivelmente sido por ele instigados no jovem aluno. Aristóteles seria, nesta acepção, o verdadeiro urbanista e arquitecto de Alexandria e Alexandre Magno o simples condutor dos trabalhos (Cf. A. Bernand, *Alexandrie des Ptolémées*, pp. 8, 9 e 13).

¹⁶ Cf. M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I Volume. Cultura Grega*, 7.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 522.

mico que a posse e exploração de dois portos acarretou — o «Grande Porto», o porto oriental, e o «Porto Eunostos», o porto ocidental — possibilitou que Alexandria florescesse, redefinindo as iniciais motivações estratégicas de Alexandre. Em torno das competências económicas de Alexandria, deu-se a deslocação dos eixos comerciais do Mediterrâneo¹⁷.

Capital dos Ptolomeus e do Egipto Greco-Romano, cidade de militares, funcionários, negociantes, intelectuais e artistas, Alexandria viria a tornar-se a capital económica, industrial e cultural do mundo helenístico civilizado, verdadeiro empório do mundo aonde afluía toda a espécie de bens e mercadorias, substituindo Atenas como centro de irradiação do helenismo.

Como emblema do helenismo, Alexandria materializou o encontro entre a cultura grega e a cultura oriental-egípcia¹⁸. Com o passar dos séculos, o lendário farol de Alexandria — uma das sete maravilhas do Mundo, construída, em 280 a. C., por Sóstrato de Cnido, durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.)¹⁹ — tornou-se símbolo da luz cultural emanada da cidade²⁰.

Capital política do Egipto desde o fim do século IV a. C. até ao século VII d. C., isto é, durante cerca de mil anos, Alexandria manteria a sua importância comercial e cultural até à Idade Média²¹. No imaginário de cidade fixado pela historicidade e pela lenda, a partir de um caleidoscópico de imagens e noções progressivamente reelaboradas, Alexandria ocupará um lugar ímpar como a mais surpreendente, fascinante e importante cidade de toda a Antiguidade, não obstante os fortes argumentos e atributos apresentados no mesmo sentido por Atenas, Roma e Bizâncio-Constantinopla.

O facto de Ptolomeu I ter interceptado-roubado o corpo embalsamado de Alexandre e de, depois, Ptolomeu II o ter sepultado em Alexandria, constituiu, logo no final do século IV a. C., uma das principais fontes de atracção da cidade, despertando a curiosidade de ilustres viajantes-visitantes²².

¹⁷ Claude Mossé, Annie Schnapp-Gourbeillon, *Síntese de história grega*, Porto, Edições Asa, 1994, p. 447.

¹⁸ Sobre esta aproximação cultural entre oriente e ocidente ocorrida em Alexandria, Ashraf Sadek é peremptório: «C'est aussi Alexandrie qui, en dépit des tentations du syncrétisme et de l'hétérodoxie, parvint à préserver la qualité de cette union des cultures orientale et occidentale sans mélange ni confusion, dans le respect du génie de chacune. Alexandrie est (...) le seul exemple de ce type de civilisation» (A. I. Sadek, *Ob. Cit.*, p. 17).

¹⁹ O farol seria destruído, no século XIII, por uma erupção vulcânica.

²⁰ No Corão, o farol é um signo de procura da verdade e de benção divina (*baraka*).

²¹ O declínio de Alexandria começaria, a partir de 646, com a conquista árabe, mas só seria efectivo com o estabelecimento do Cairo como capital e centro cultural, em 968.

²² Como diz P. Green, «In death he ceased to be a tourist, and became a tourist attraction» (P. Green, *Ob. Cit.*, p. 17). O projecto inicial de Perdicas era que o corpo de Alexandre fosse inumado

A fama do grande conquistador granjeava poder e prestígio para os Ptolomeus e uma particular magia e aura para Alexandria²³. Em consequência, a antiga Alexandria foi celebrada por escritores gregos, romanos e árabes da Antiguidade e da Idade Média²⁴.

A ideia de riqueza da cidade e do próprio país não só marcou os espíritos da época e dos vindouros como foi concretizada em inúmeras produções artísticas. Os mosaicos romanos apostam na representação de paisagens nilóticas (ex.: grande mosaico de Palestrina) e de cenas alegóricas como símbolos da fecundidade egípcia e da sua capital ou mesmo em figuras que personificam a própria cidade de Alexandria (ex.: mosaico de Thmuis, em que uma mulher surge coroada com a proa de um navio com mastro e verga)²⁵.

na necrópole real macedónica de Aigai. Ptolomeu, ainda sátrapa do Egipto, interceptou na Síria o cortejo fúnebre saído de Babilónia e transportou o corpo de Alexandre para Mênfis onde estaria inumado cerca de 40 anos. Seria o faraó Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.) a trasladar o corpo de Alexandre para o cemitério de Sema, situado na intersecção das duas principais ruas de Alexandria onde ainda se encontraria no tempo dos Romanos. Depois perdeu-se o traço da sua existência (Cf. Estrabão, 17. 1,8). O túmulo de Alexandre foi local obrigatório de visita em Alexandria. Júlio César, Augusto, Caracala, Calígula e Septímio Severo contam-se, por exemplo, entre os seus mais distintos visitantes. Em Roma, a partir de Augusto, Alexandre era considerado por muitos como o protótipo do soberano cujo Império se confundia com o mundo civilizado (Cf. Günther Grimm, «Le tombeau d'Alexandre le Grand» in *La gloire d'Alexandrie*, Catalogue générale de l'exposition «La gloire d'Alexandrie», Paris, Paris-Musées, 1998, pp. 92, 93), Sobre as duas formas normalmente utilizadas pelos estudiosos para se referirem ao túmulo de Alexandre (τὸ σῶμα, *soma*, «corpo» e τὸ σημά, *sema*, «corpo morto») — «pequena diferença na forma, grande no significado» — vide Zeinab Tawfik, «Alexander's grave between the two idioms of σημά και σῶμα» in *Proceedings of the 20th International Congress of Papyrologists*, Copenhagen, Museum Tusulanum Press, 1994, pp. 598, 599.

²³ «Alexandre vivant avait fondé une ville; Alexandre mort donnait naissance au rêve de la métropole universelle» (François de Polignac, *Ob. Cit.*, p. 48).

²⁴ Sobre as descrições medievais de autores árabes como Ibn Jubayr, Al-Muqaddasi, Al-Mas'ûdî, Al-Idrisi, Ibrâhîm Wâsif Shâh, Ibn Hawal, Abûl-Fidâ e Ibn Battûta, vide Christian Décobert, «La vision d'Alexandrie chez les Arabes» in *La gloire d'Alexandrie*, pp. 304-306.

²⁵ Vide figs. destes mosaicos em A. Bernand, *Ob. Cit.*, pp. 11, 91 e 93. Alguns autores têm, porém, interpretado estes mosaicos como representações da rainha Berenice II, esposa de Ptolomeu III Evérgeta II (Cf. Ludwig Koenen, «The Ptolemaic king as a religious figure» in AAVV, *Images and ideologies. Self-definition in the hellenistic world*, Berkeley/ Los Angeles/ London, University of California, 1993, entre páginas 86 e 86, Figs. 2 a) e b).

Terminologia e história político-social

Os ecos da grandeza da mítica urbe helenística do Egípto devem também muito às importantes instituições culturais que aí estavam sediadas e que moveram e inspiraram, sob patrocínio e expensas reais, plêiades de poetas, filósofos, cientistas e investigadores, designadamente, a partir de 295 a. C., em torno do Museu²⁶ e da Biblioteca²⁷.

No mundo competitivo dos reinos helenísticos, os museus e as bibliotecas eram símbolos de prestígio e de poder para os seus fundadores²⁸. A fundação do Museu inscreveu-se numa política que ultrapassava os limites estritos de Alexandria²⁹. A Biblioteca de Alexandria, sobretudo no período áureo do seu funcionamento, comportou-se como um «lieu utopique, où tout savoir repose sur ce qui fut un jour écrit, lieu de mémoire totale et de visibilité absolue, observatoire intellectuel qui supplante les vertus épistémologiques du regard empirique»³⁰.

²⁶ O Museu, fundado por Ptolomeu I Sóter, cujo nome significa «templo das Musas», está estreitamente associado ao desenvolvimento da ciência no período ptolomaico. Verdadeiro centro de investigação e primeira instituição académica financiada pelo Estado, foi dirigido inicialmente, entre outros, por dois discípulos de Aristóteles, imbuídos da ambição aristotélica do saber universal: Demétrio de Falero e Estratão. O primeiro deles é mesmo considerado o principal instigador da criação do Museu e um experiente e influente «filósofo no poder» (Cf. José Ribeiro Ferreira, *Civilizações Clássicas I. Grécia*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 225; Claude Mosse, «Démétrios de Phalère: un philosophe au pouvoir» in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C.*, pp. 83-92; A. Bernand, *Alexandrie la Grande*, pp. 112-118; Mostafa El-Abadi, «La bibliothèque d'Alexandre» in *La Gloire d'Alexandrie*, p. 112).

²⁷ A Biblioteca de Alexandria, também criada por Ptolomeu I Sóter, com o concurso de Demétrio de Falero, foi, sem dúvida, mesmo com a rivalidade da de Pérgamo, a mais famosa de toda a Antiguidade: «C'est grâce à (sa) bibliothèque, principalement, qu'Alexandrie a connu une vie intellectuelle si florissante et ce de manière durable, parce qu'elle se fondait sur l'étude et la compréhension profonde des valeurs du passé jugées dignes d'être préservées» (Mostafa El-Abadi, *Ob. Cit.*, p. 116). Centro depositário do saber antigo e produtor da cultura helenística, onde se recolheu a maior coleção de livros até então (400.000 *volumina* ou rolos de papiro, segundo Calímaco de Cirene), contou entre os seus bibliotecários homens ilustres, de autêntico espírito enciclopédico, como Zenódoto de Éfeso, Apolónio de Rodes, Eratóstenes de Cirene, Aristófanos de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia (Cf. J. R. Ferreira, *Ob. Cit.*, p. 224; A. Bernand, *Ob. Cit.*, pp. 118-121; Jean Lallot, «Zénodote ou l'art d'accommoder Homère» in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C.*, pp. 100-113; Christian Jacob, «Un athlète du savoir: Ératosthène» in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C.* p. 127).

²⁸ Cf. Dorothy J. Thompson, «Cultura escrita y poder en el Egípto ptolemaico» in *Cultura escrita y poder en el mundo antiguo*, Barcelona, Editorial Gedisa, 1999, p. 111; Vide também J. H. Cardinal Newman, «L'école d'Alexandrie, précurseur de l'université moderne» in *Le monde copte*, n.º 27-28, juin 1997, pp. 129-132).

²⁹ Cf. A. Bernand, *Ob. Cit.*, p. 114.

³⁰ Christian Jacob, «Un athlète du savoir: Ératosthène» in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C.* p. 127.

Entre os vários contributos fornecidos à cultura ocidental tal como hoje a entendemos, Alexandria fez jus ao refinamento e difusão cultural que marcou o período helenístico e assistiu, a partir do século III a. C., às primeiras formulações científicas da teoria heliocêntrica (Aristarco de Samos), ao desenvolvimento da medicina (Praxágoras de Cós, Zenão, Mantias, Filino de Cós, Sarapião de Alexandria e Glaucias), à fundação da anatomia (Herófilo da Calcedónia) e da fisiologia (Erasístrato de Cós), ao estabelecimento das bases da matemática e da geometria (Euclides de Alexandria, Apolónio de Perga, Estratão de Lâmpsaco), da física e da mecânica (Arquimedes de Siracusa, Héron de Alexandria, Ctésibios e Fílon de Bizâncio), da geografia e da cartografia (Eratóstenes de Cirene), da astronomia (Aristarco de Samos, Eratóstenes de Cirene, Cónon de Samos, Dositheos, Hipsicles de Alexandria e Hiparco de Niceia) e aos primeiros passos da história da literatura, da crítica textual, da filologia, da gramática e da lexicografia (Zenódoto de Éfeso, Calímaco de Cirene, Filitas de Cós, Eratóstenes de Cirene, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco de Samotrácia, Teócrito, Herondas e Dionísio Trácio).

A época de florescimento cultural que Alexandria viveu sob a dinastia lágida marcaria para sempre a feição intelectual da cidade. A posteridade veneraria de diversas formas o brilhante desenvolvimento das ciências dessa época e o erudito e grandioso estatuto dos seus cientistas. Como metrópole e capital do saber, Alexandria foi um centro de atracção e de irradiação de sábios e letrados³¹.

Toda e qualquer tentativa de reconstituição imaginária da antiga Alexandria, além da referência obrigatória ao centro cultural ímpar que a cidade sempre foi, tem que considerar um primeiro indício das suas particulares e excepcionais condições e privilégios que é o seu próprio nome *Alexándreia pròs Aigyptôi*, isto é, «*Alexandria junto do Egipto*». Os Ptolomeus referiam-se a Alexandria como estando não «no Egipto», mas «junto do Egipto».

No período romano, as nomenclaturas *Alexandrea ad Aegyptum* ou *Alexandrea apud Aegyptum* ou *Alexandria in Aegypto* ou *Alexandrea quae est in Aegypto* consubstanciavam a mesma realidade e o próprio título do prefeito romano do Egipto era sintomático desta dicotomia: *praefectus Alexandriae et Aegypti*, «prefeito de Alexandria e do Egipto»³².

³¹ Cf. Luciano Canfora, «Le monde en rouleaux» in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C.*, pp. 50 e 62.

³² Christine Favard-Meeks encara a expressão *Alexandrea ad Aegyptum* no âmbito da própria mundividência egípcia e conclui: «*Alexandrie ad Aegyptum* serait donc aussi une expression qui reflèterait l'attitude que la civilisation égyptienne aurait en l'égard de son propre littoral» (Christine Favard-Meeks, «Le Delta égyptien et la mer jusqu'à la fondation d'Alexandrie» in *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburgo, Helmut Buske Verlag, 1989, p. 63).

A terminologia de referência testemunha, portanto, a situação excepcional de Alexandria. A cidade era, simultaneamente, o local de residência real³³ e a capital do reino ptolomaico — e, dessa forma, parte integrante do território do Egípcio³⁴ — e um mundo à parte, separado e distinto, do país real (*chôra*). Geograficamente, o lago Mareótis separava naturalmente a capital do resto do Egípcio tradicional e só com o estabelecimento de vias de comunicação artificiais (canais) se fez a sua ligação ao Nilo (a multissecular via de comunicação do Egípcio dos faraós antigos) e através deste com o resto do país provincial e com Mênfis, a antiga capital faraónica³⁵.

Este afastamento entre a capital ptolomaica, centro nevrálgico do país, e a *chôra* suplantava, porém, o factor geográfico-natural. Na verdade, duas outras importantes características segregavam a cidade: por um lado, era a única fundação urbana de significado do reino ptolomaico³⁶ e, por outro, apresentava uma população cosmopolita em que os Egípcios não eram, de todo, o grupo social dominante³⁷. No confronto político-social com os greco-macedónicos, os Egípcios saíam claramente prejudicados. Na expressão

³³ O palácio real dos Ptolomeus situava-se no cabo Lochias. Há inúmeras alusões a este palácio nos autores clássicos, mas nunca se encontraram provas arqueológicas da sua localização (Cf. A. Bernand, *Alexandrie des Ptolémées*, pp. 70, 71).

³⁴ É preciso, desde logo, não descurar que o «Egípcio» dos Lágidas é um conceito que tem um sentido próprio, na medida em que excede os territórios que normalmente estão associados ao termo geográfico nas épocas mais antigas ou na actualidade. O território dos Lágidas é, portanto, mais extenso do que as áreas localizadas no continente africano. De facto, produto directo das relações político-militares-diplomáticas, o espaço territorial lágida foi uma área em permanente mutação, de que a Cirenaica e Chipre, além do Egípcio propriamente dito, faziam parte integrante. Não obstante, para determinadas épocas, sobretudo os reinados do século III a. C., alguns enclaves no Mediterrâneo centro-oriental e nas costas da Ásia Menor (Cilícia, Lícia, Cária, etc.) e no corredor siro-palestinense (Tiro, Palestina, Gaza, etc.) são também abrangidos pela designação de «Egípcio» ptolomaico.

³⁵ Cf. F. J. Gómez Espelósín, *Ob. Cit.*, pp. 65, 66.

³⁶ A política urbana ptolomaica foi muito diferente da das *póleis* gregas que se esforçavam para criar colónias a partir da metrópole, da actividade de Alexandre Magno ou, por exemplo, da dos Selêucidas, seus vizinhos, que apostaram na proliferação de centros urbanos. Durante os cerca de três séculos de dominação do território egípcio, a única cidade fundada pelos Ptolomeus (criação de Ptolomeu I Sóter) foi Ptolemais, no Alto Egípcio. Náucratis, antiga colónia milésia, era uma herança do passado helénico; Alexandria era uma herança de Alexandre e apenas Ptolemais era uma criação lágida (Cf. André Bernand, *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994, p. 234, 235).

³⁷ Esta ideia não deve, contudo, toldar-nos a percepção e fazer esquecer que a *intelligentsia* egípcia, usando a língua grega, desempenhou um papel preponderante no desenvolvimento intelectual da cidade (Cf. Mounir Shoucri, «Alexandrie hier et aujourd'hui» in *Le Monde Copte*. n.º 27-28, p. 63; Dorothy J. Thompson, «Literacy and the administration in early ptolemaic Egypt» in *Life in a multicultural society: Egypt from Cambyses to Constantine and beyond*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1992, pp. 324; Willy Peremans, «Le bilinguisme dans les relations gréco-égyptiennes sous les Lagides» in *Egypt and the Hellenistic World. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982*, Lovanii, 1983, pp. 255-258; *Id.*, «Sur le bilinguisme dans l'Égypte des Lagides» in *Studia Paulo Naster Oblata. II. Orientalia Antiqua*,

de Claude Vial, «les deux populations étaient dans le même pays mais ne vivaient pas exactement dans le même espace»³⁸. A opção voluntária dos Lágidas de não generalizar o sistema da cidade vedou a helenização da *chôra*³⁹.

Isto significa que a feição urbana e cosmopolita da cidade-capital favoreceu, sob patrocínio da administração central, sobretudo, os greco-macedónicos. O dualismo étnico autóctones-ocupantes estrangeiros manifestava-se na língua, na cultura e na consciência de cada grupo social⁴⁰. À etno-classe indígena, a maioria demográfica do país, estavam reservados os subúrbios da cidade e um usufruto mitigado dos direitos de cidadania. A periferia urbana correspondia, portanto, à periferia político-social-administrativa.

Em meados do século II a. C., o historiador grego Políbio (200-118 a. C.) verificou *in loco* esta situação quando teve a oportunidade de visitar Alexandria⁴¹. Estrabão relata-nos os sentimentos de Políbio da seguinte forma:

«Também Políbio, que visitou a cidade, expressa o seu desgosto pelo estado em que a encontrou no seu tempo. Três tipos de habitantes, diz ele, vivem na cidade: os Egípcios, ou seja, os nativos do país, inteligentes e submissos às leis; os mercenários, grosseiros, numerosos e indisciplinados que a nulidade dos príncipes ensinara mais a comandar que a obedecer (...) e o terceiro tipo, os Alexandrinos, que (...) não eram fáceis de governar, sendo, no entanto, melhores que aqueles

Leuven, Uitgeverig Peeters, 1982, pp. 143-144; Philippe Derchain, «Grecs et égyptiens en Égypte à l'époque hellénistique. Essai sur les rapprochements culturels» in *Bulletin de l'Association angevine et nantaise d'Égyptologie Isis*, n.º 5, Angers, 1998, pp. 7-17.

³⁸ Claude Vial, *Les Grecs de la paix d'Apamée à la bataille d'Actium, 188-31*, Paris, Éditions du Seuil, 1995, p. 24.

³⁹ Garantidos o controlo estreito do país e a recepção dos impostos através do sistema das tradicionais divisões administrativas, não era necessário transformar em metrópoles as cidades dos *nomoi*, nem criar novas cidades gregas para estruturar o espaço e organizar a sua população, nem tampouco atrair populações gregas para esses lugares (Cf. Jean Ducat, «Grecs et égyptiens dans l'Égypte dans l'Égypte lagide: hellénisation et résistance à l'Hellénisme» in *Entre Égypte et Grèce. Actes du colloque du 6-9 Octobre 1994*, Paris, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1995, pp. 72,73).

⁴⁰ Cf. Barbara Anagnostou-Canas, «Rapports de dépendance coloniale dans l'Égypte Ptolémaïque I. L'appareil militaire» in *Bulletino del'Istituto di Diritto Romano Vitorio Scialoja (BIDR)*, Vol. XXXI-XXXII, 1989-90, pp. 166, 167.

⁴¹ Políbio visitou a cidade durante o reinado de Ptolomeu VIII Evérgeta II, cujo segundo reinado se estendeu de 145 a 116 a. C. É verosímil que Políbio tenha estado na cidade em 140 a. C., acompanhando a embaixada de Cipião Emiliano, seu amigo. Nada, porém, permite confirmar com certeza estes dados (Cf. *Strabon, Voyage en Égypte Un regard romain*. Préface de Jean Yoyotte; trad. de Pascal Charvet; commentaires de J. Yoyotte et P. Charvet, Paris, Nil éditions, 1997, p. 96, nota 144).

[os mercenários], pois, embora constituídos por uma população mesclada, eram Gregos de origem e como eles não haviam esquecido os costumes comuns aos Gregos.»⁴²

Com o passar dos anos, a coabitação e coexistência social, mais ou menos forçada, das diferentes etnias conduziu a comportamentos ora unilaterais ora bilaterais de aceitação activa e passiva da dominação estrangeira⁴³.

Aglomerado populacional *sui generis*, com o seu *melting pot of all nations* incessantemente buliçoso e frenético, com uma permanente auréola de esplendor e glória, Alexandria atraiu povos de todos os lados, mas particularmente Gregos da Hélade, com os olhos postos na carreira administrativa dos Ptolomeus⁴⁴ e nas excelentes condições comerciais que os seus movimentados portos ofereciam⁴⁵. Como Gómez Espelosín, podemos concluir que «Alejandria era sin duda, como el resto de Egipto, la tierra de las oportunidades a la que afluyeron griegos desde todas partes de la Hélade»⁴⁶.

As revoltas dos Alexandrinos

Face às fortes clivagens político-sociais da capital tornam-se compreensíveis as frequentes revoltas populares que marcaram a história da cidade. Estes tumultos constituíam, na expressão de Claire Préaux, uma «revolution-fête», servindo de válvula de escape para as tensões e ressentimentos acumulados.

⁴² Estrabão, XVII, 1, 12. A tradução é nossa, a partir de *Strabon, Voyage en Égypte Un regard romain*, pp. 97 e 99. Para o quadro social de Alexandria ficar completo, deve-se acrescentar à enumeração de Políbio-Estrabão os habitantes do bairro Delta, isto é, os Judeus (Cf. A. Bernand, *Alexandrie des Ptolémées*, p. 43).

⁴³ Barbara Anagnostou-Canas analisa o caso concreto das aproximações sociais no meio militar (Cf. B. Anagnostou-Canas, *Ob. Cit.*, pp. 213, 221-223).

⁴⁴ Como defende A. Bernand, «Dans le domaine de la bureaucratie, on peut dire que tout part d'Alexandrie et y aboutit» (A. Bernand, *Ob. Cit.*, p. 74).

⁴⁵ Como deixam perceber vários autores — ex.: Claude Orrieux, *Les Papyrus de Zenon. L'horizon d'un grec en Égypte au III^e siècle avant J.C.*, Paris, Macula, 1983 —, as excepcionais possibilidades de enriquecimento na vida comercial ou de estabilidade socio-económica pela entrada na hierarquia burocrática do Estado lágida estavam entre os principais factores de atracção da cidade de Alexandria sobre os estrangeiros, particularmente sobre os Gregos e os Macedónicos. Doyen e Preys escrevem mesmo: «l'immigrant grec, venu en Égypte dans le but de s'enrichir ou de faire carrière, trouvait là, en sa faveur, une politique pro-hellène telle que l'ont développée les premiers Lagides» (Florence Doyen, Rene Preys, «La présence grecque en Égypte ptolémaïque: les traces d'une rencontre» in *L'atelier de orfèvre. Mélanges offerts à Ph.*, Leuven, Peeters, 1992, pp. 63-85).

⁴⁶ F. G. Espelosín, *Ob. Cit.*, p. 68.

As multidões imiscuíam-se directa e abertamente nas querelas palacianas, tomando partido pelos seus candidatos preferidos. Tal aconteceu, por exemplo, após a morte de Ptolomeu IV Filopator, cerca de 205 a. C., quando a população de Alexandria respondeu violentamente às extravagâncias pessoais do general Tlepolemo⁴⁷, seu anterior favorito, e o forçou a retirar-se da vida pública. O mesmo sucedera já com Sosíbios e Agatócles, os ministros de Ptolomeu IV que os Alexandrinos rejeitaram e puniram⁴⁸.

Durante o reinado de Ptolomeu VI Filometor, na primeira metade do século II a. C., Dionísio Petosírís, um oficial do exército e alto personagem da corte, amotinou a cidade de Alexandria contra o rei, arregimentando 4000 revoltosos e estendendo a insurreiçãõ ao Faium, à Tebaida e a Panópolis⁴⁹.

Ficaram também célebres, em meados do mesmo século, as lutas em Alexandria entre os partidários de Ptolomeu VI Filometor e de seu irmão, Ptolomeu VIII Evérgeta II⁵⁰. Este último, em 127-126 a. C., depois de recuperar o poder e regressar à capital, suprimiu todas as associações intelectuais (incluindo a Biblioteca e o Museu de Alexandria) e desportivas gregas como forma de represália pelo apoio e colaboração dos Alexandrinos ao seu irmão e à sua irmã (Cleópatra II)⁵¹. Muitos Alexandrinos foram, nesta ocasião, entregues à fúria dos soldados e os massacres sucederam-se.

Na viragem do século II para o século I a. C., a sucessão de Ptolomeu VIII, isto é, entre Ptolomeu IX Sóter II e Ptolomeu X Alexandre I, foi também marcada pela empenhada participação política dos Alexandrinos, favorável a Ptolomeu IX, o primogénito e governador de Chipre.

À morte de Ptolomeu IX, o único herdeiro legítimo do sexo masculino pertencente à Casa Real lágida era Ptolomeu XI Alexandre II, filho de Ptolomeu X Alexandre I e de uma mulher desconhecida, sobrinho de Ptolomeu IX Sóter II e protegido do ditador romano Sila. À rainha Cleópatra Berenice III (esposa de Ptolomeu X Alexandre I, filha de Ptolomeu IX Sóter II e de Cleópatra IV), habituada ao poder por mais de 20 anos, não agradou a ideia de oferecer de mão beijada o trono ao seu primo e enteado. Foi estabelecido casamento entre ambos, mas este só duraria três semanas, tendo a esposa-rainha sido assassinada pelo marido-primo. A ira dos

⁴⁷ *Prosopographia Ptolemaica I*, 50.

⁴⁸ Cf. Políbio, XV, 31, 33.

⁴⁹ Cf. Diodoro, *Biblioteca Histórica*, XXXI, 17 b.

⁵⁰ Cf. Dieter Kessler, «Histoire politique des lagides et domination romaine sur l'Égypte» in *L'Égypte. Sur les traces de la civilisation pharaonique*, Colónia, Könnemann, s.d., pp. 290-295.

⁵¹ O honorável director da Biblioteca de então, por exemplo, Aristarco de Samotrácia, foi substituído por um militar sem cultura (Cf. Violaine Vanoyeke, *Les Ptolémées, derniers pharaons d'Égypte. D'Alexandre à Cléopâtre*. Paris, Editions Tallandier, 1998, p. 265).

Alexandrinos, muito ligados à rainha, voltou-se, então, imediatamente, contra o jovem Ptolomeu que foi linchado pela multidão sublevada. Estava-se em 80 a. C.

É também conhecida a extrema hostilidade dos Alexandrinos contra Ptolomeu XII Auleta, o pai de Cleópatra VII, devido ao seu total e dispendioso comprometimento com os Romanos para se manter no trono como *socius et amicus populi romani*, «rei aliado e amigo do povo romano», e, assim, conseguir a autonomia do seu território. Esta excessiva dependência em relação a Roma foi conseguida a custo do aumento de impostos, da anexação de Chipre (*lex Clodia de Cypro*) à província romana da Cilícia e à condenação do irmão de Ptolomeu XII, que reinava em Chipre e que, em consequência do rumo dos acontecimentos, se suicidaria.

Exasperado, o povo de Alexandria forçou o rei ao exílio em Roma, durante quatro anos (58-55 a. C.), onde se colocaria sob a protecção do poderoso Pompeu. Após o regresso ao Egipto, em 55 a. C., Ptolomeu XII aprisionaria e depois assassinaria a filha Berenice IV que, entretanto, durante o seu exílio, assumira o poder com Arquelau da Capadócia (também eliminado com o regresso de Ptolomeu XII), o que acabou por reacender os ódios populares. O pai de Cleópatra VII ainda se manteria no poder, até 51 a. C., mas só pelo constante apoio das *Gabiniani*, as três legiões que Aulo Gabinio, o governador da Síria, cedeu a troco de novas remessas financeiras do rei do Egipto (10.000 talentos).

Servem estes episódios respigados da história política dos Ptolomeus para ilustrar a desordem da vida pública e a frequência e o alcance das revoltas e rebeliões populares em Alexandria. De simples demonstrações colectivas de desagrado e força chegaram a atingir directamente a pessoa do rei (morte; exílio), sem, contudo, arrasarem irremediavelmente a instituição monárquica.

Além da sua intervenção na política interna, os Alexandrinos manifestavam-se radicalmente contra determinadas ingerências exteriores decididas pela Coroa que pudessem pôr em perigo a estabilidade das instituições. Por tudo isto, as revoltas dos Alexandrinos são um sintoma dos (novos) comportamentos sociais que marcaram a Época Helenística⁵². Alexandria como residência do rei e da corte e sede da administração central era o alvo favorito e imediato de todas as revoluções⁵³.

⁵² Cf. F. J. Gómez Espelósín, «Las revueltas de Alejandría: Pautas de comportamiento de una masa urbana en época helenística» in *Estudios Humanísticos* 8, 1986, pp. 49-75. Sobre as diversas categorías sociais agrupadas sob a designação «alexandrinos», vide A. Bernard, *Ob. Cit.*, p. 41.

⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 75.

O espírito «difícil de governar» dos Alexandrinos contagiou os próprios Egípcios e as inúmeras rebeliões nacionalistas (*domestica seditio*) que deflagraram no Egito, a partir de 207-205 a. C., testemunham bem a tensão socio-política latente na sociedade ptolomaica.

Após a sua participação na batalha de Ráfia (217 a. C.), que terminou com a Quarta Guerra da Síria, entre os Ptolomeus e os Selêucidas, os indígenas tomaram consciência da sua força e do seu valor e passaram a reivindicar um outro tipo de tratamento. A «questão indígena» foi o produto de uma particular conjuntura de agitação social e o resultado paradoxal da vitória de Ráfia⁵⁴. Ao armar os naturais do Egito contra Antíoco III, Ptolomeu IV Filopator «avait pris une résolution convenant au présent, mais il avait compromis l'avenir»⁵⁵.

Os *machimoi* (soldados egípcios) queriam agora uma outra valorização social, consentânea com a quota-parte de importância militar que haviam adquirido. Revoltaram-se, assim, contra as inúmeras taxas entremetidas lançadas pelo poder central. É o despertar do sentimento e do orgulho nacional egípcio: sacerdotes, aristocracia e povo unem-se contra a dinastia estrangeira e promovem graves perturbações internas contra os opressores.

O território egípcio torna-se palco de uma luta endémica. A partir de 207 a. C., o Alto Egito escapa-se ao controlo de Alexandria. Como regista Políbio, os amáveis e pacientes egípcios eram capazes, quando se excitavam, de surpreendentes atrocidades⁵⁶.

Neste quadro, a tomada de consciência e o espírito de resistência dos indígenas provocou consideráveis alterações económico-sociais⁵⁷. «Ensinados» na rebelião pelos Alexandrinos, os Egípcios questionaram o funcionamento político-social. A «première mise en question (...) de la priorité du Grec en Égypte»⁵⁸ foi, no fundo, provocada pelos próprios Gregos. Melhor: foi promovida pela pressão explosiva das condições sociais na cidade de Alexandria.

Os Alexandrinos ficaram também célebres pelo seu *mocking spirit*, bem patente nas alcunhas com que mimosearam os soberanos lágidas. Pelo uso das alcunhas, percebemos que as camadas populares de Alexandria rejeitaram os actos a-sociais do poder, criticaram os soberanos e definiram *a contrario* o comportamento real ideal pretendido.

⁵⁴ Cf. B. Anagnostou-Canas, *Ob. Cit.*, pp. 186-188.

⁵⁵ Claire Préaux, «Esquisse d'une histoire des révolutions égyptiennes sous les Lagides» in *CdE 11*, Bruxelles, Musées Royaux d'Art e d'Histoire, 1936, p. 528.

⁵⁶ Cf. Políbio, XV, 33, 10.

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, V, 107, 3.

⁵⁸ Cf. C. Préaux, *Ob. Cit.*, p. 375.

Para os soberanos lágidas podemos identificar na documentação 14 nomes-alcunhas: *Trifon*, «magnificante; generoso» (atribuído a Ptolomeu III, Ptolomeu IV, Cleópatra II e Ptolomeu VIII); *Físcon*, «gordo; barrigudo; obeso; inchado» (Ptolomeu III, Ptolomeu VIII, Ptolomeu IX, Ptolomeu X); *Koccé*, «obscena; prostituta» (Cleópatra III); *Kocchés*, «filho da prostituta; o da prostituta» (Ptolomeu X Alexandre I); *Gallos*, «(tatuado) de Dioniso» (Ptolomeu IV); *tes Agathocleia*, «de Agatocleia» (Ptolomeu IV); *Memfites*, «menfita» (Ptolomeu VIII); *Kacérgeta*, «malfeitor; malvado; perverso» (Ptolomeu VIII); *Filólogos*, «amigo de falar; amigo da palavra» (Ptolomeu VIII); *Latiros*, «ervilha ou grão-de-bico» (Ptolomeu IX); *Potheinos*, «desejado» (Ptolomeu IX); *Pareisaktos*, «intruso» (Ptolomeu X Alexandre I), *Auleta*, «tocador de aulo (flauta); flautista» (Ptolomeu XII); *Nothos*, «bastardo; ilegítimo» (Ptolomeu XII); *Cesarião*, «pequeno César» (Ptolomeu XV)⁵⁹.

A opinião pública expressava e sublinhava as suas preferências e ódios pelas actuações dos reis. As alcunhas funcionam, objectivamente, como julgamentos e sentenças. O desdém popular assim expresso não se restringiu apenas às qualificações morais (ou ausência delas) — ex.: *Trifon*, *Kacérgeta*, *Koccé*, *Kocchés* — ou ao carácter político (ex.: *Nothos*, *Potheinos*, *Pareisaktos*). As próprias características físicas foram usadas para rebaixar e até escarnecer dos soberanos lágidas (ex.: *Físcon*, *Latiros*).

É admissível que muitas das alcunhas tenham sido postas em circulação no decurso do reinado dos reis visados, demonstrando um atento acompanhamento da vida política e dos seus episódios (ex.: *tes Agathocleia*, *Potheinos*, *Nothos*, etc.).

Estrutura urbanística e imaginário

Através de Diodoro da Sicília, que visitou Alexandria no ano 60 a.C., quando a cidade contava já com mais de 300.000 habitantes, podemos obter algumas informações sobre a estrutura física da cidade:

«Deu-lhe [Alexandre] uma forma semelhante à de uma clâmide e está cortada mais ou menos a meio por uma grande avenida de dimensões e beleza admiráveis que a atravessa de porta a porta (...). Está adornada em toda a sua extensão com templos e edifícios muito luxuosos (...). A cidade tomou tal incremento

⁵⁹ Vide Cap. V. *Epítetos de culto dos Ptolomeus e qualidades reais* da nossa tese de doutoramento, *Ideologia e propaganda real no Egipto ptolomaico (305-30 a. C.)*, Lisboa, Universidade Aberta, 2002, p. 219 — exemplar policopiado.

durante os anos sucessivos que é considerada por muitos a primeira do mundo. Com efeito, pela sua elegância e pelo seu tamanho, pelo volume dos seus ingressos e pela quantidade de coisas que contribuíram para o seu luxo, supera em muito todas as demais.»⁶⁰

Até Cleópatra VII, inclusive, no século I a. C., todos os Ptolomeus se empenharam em embelezar Alexandria, acrescentando-lhe palácios e templos. Esta dimensão construtora valorizou extraordinariamente a cidade aos olhos da contemporaneidade e elevou-a ao estatuto de «primeira e mais brilhante cidade do mundo».

Na senda dos seus antecessores lágidas, também os imperadores romanos equiparam a cidade com variadas edificações de utilidade pública (teatros, ginásios, anfiteatros, estádios, hipódromos, tribunais, etc.)⁶¹.

O testemunho de Estrabão — que esteve na cidade na época de Augusto, entre 25 e 24 a. C. — menciona-nos que Rakotis, entre a costa mediterrânica e o lago Mareótiis, a poucos km a oeste do braço de Canopo do Nilo que desaguava na foz de Roseta, fora o berço principal de Alexandria⁶² e ajuda-nos também a reconstruir a imagem urbana da antiga Alexandria:

«A cidade está cheia de edifícios públicos e sagrados, sendo o mais belo de todos o Ginásio, que tem pórticos com mais de um estádio de largura. No centro da cidade encontram-se o palácio da justiça e os arvoredos.»⁶³

A descrição de Estrabão demonstra que o autor concebia a cidade à maneira tradicional das poléis gregas e da grande urbe itálica, ou seja, como uma unidade de convivência e como uma entidade jurídico-política. Daí que tenha sido particularmente sensível ao Ginásio de Alexandria, que, com outros ginásios e com os respectivos atletas, sob patrocínio dos reis lágidas, havia feito também a celebridade internacional de Alexandria na Época Helenística.

⁶⁰ Diodoro da Sicília, XVII, 52, 1-7.

⁶¹ Cf. A. Bernand, *Ob. Cit.*, pp. 82-84.

⁶² Cf. Estrabão, *Geografia.*, XVII, 1, 6.

⁶³ *Ibid.*, XVII, 1, 10. Estrabão refere-se também ao Sema de Alexandre (Cf. *Ibid.*, XVII, 1, 8). O estádio, unidade de medida grega, equivale em Estrabão a 400 côvados de 52,5 cm, ou seja, a 210 metros (Cf. Strabon, *Voyage en Égypte*, p. 276).

A lista dos esplêndidos edifícios e construções que adornavam a cidade a que os autores antigos aludem, integrava ainda o palácio real dos Ptolomeus, o hipódromo, o teatro, a *stoa*, o mercado, o museu, a biblioteca, o farol e, naturalmente, diversos templos consagrados a divindades gregas e egípcias⁶⁴.

Atravessando a cidade de leste a oeste, a Via Canópica era a principal rua de Alexandria⁶⁵. A estrutura urbanística de Alexandria, hipodâmica, isto é, em quadrícula, articulava as várias ruas com a Via Canópica, formando uma retícula⁶⁶. A cidade ficava, assim, dividida em cinco secções ou bairros, claramente diferenciados consoante a população que os habitava, designados, como indica Fílon de Alexandria (século I), pelas cinco primeiras letras do alfabeto grego, de α (alfa) a ϵ (épsilon). O bairro mais importante era, logicamente, aquele onde se situava o palácio real, na zona do Grande Porto, entre o mar e a Via Canópica⁶⁷.

À volta da cidade erguia-se uma muralha que delimitava o espaço urbano de Alexandria (com cerca de 15 km de comprimento no período ptolomaico) e que, além da sua protecção, era um eloquente símbolo do prestígio e da riqueza da cidade⁶⁸.

As construções realizadas em Alexandria são um índice da impressionante vitalidade da urbe e das suas populações, bem como um precioso auxiliar da nossa reconstituição imaginária da cidade. Ao mesmo tempo, possibilitam-nos compreender os elementos constituintes e os mecanismos de fixação e de difusão da cidade no (nosso) imaginário.

O percurso pelos edifícios importantes de Alexandria leva-nos directa e inevitavelmente para a acrópole da cidade, onde estava situado o *Serapeum*, o templo dedicado ao deus híbrido Serápis, e remete-nos para uma das mais importantes dimensões da cidade: a criação e «exportação» de divindades.

⁶⁴ Muitos destes edifícios são conhecidos através das moedas alexandrinas.

⁶⁵ A rua Canópica corresponde aproximadamente à actual rua Bab-Charkieh.

⁶⁶ O projecto urbanístico de Alexandria é atribuído a Dinócrates de Rodes. O tipo de estrutura regular de planta ortogonal chama-se hipodâmica em honra de Hipódamo de Mileto que, segundo parece, teria desenhado a planta da sua cidade natal segundo esse sistema (Cf. Juan Antonio Ramírez, *Construcciones ilusorias. Arquitecturas descritas, arquitecturas pintadas*, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp. 16, 17).

⁶⁷ O bairro delta, como já referimos, era ocupado pelos Judeus, na parte oriental da cidade (Cf. A. Bernand, *Alexandrie la Grande*, pp. 241-257).

⁶⁸ No início do período romano, a muralha teria entre 30 a 40 estádios de comprimento e 7 a 10 de largura (Cf. A. I. Sadek, Ob. Cit., p. 13. Vide também Y von Garian, «Les murailles d'Alexandrie» in *La gloire d'Alexandrie*, p. 8; Jean Yves-Empereur, *Alexandrie rredécouverte*, Paris Fayard/ Stock, 1998, pp. 46-48).

«A cidade amada dos deuses»

Situada geográfica e historicamente na charneira de dois mundos, *Alexandria pros tou Aigypton* possuía um clima eminentemente propício ao nascimento de deuses «universais». Françoise Dunand denomina significativamente esta qualidade de Alexandria como «la fabrique des dieux»⁶⁹.

Foi, efectivamente, em Alexandria, no século III a. C., numa cidade que era, pela sua cultura e religião dominantes, uma cidade grega, que se elaborou uma imagem diferente, complexa e subtil dos deuses egípcios, nascida do encontro entre a religião tradicional egípcia e as técnicas e modos de expressão oriundos da Grécia. Daí o significativo título de glória que a cidade granjeou como «a cidade amada dos deuses»⁷⁰.

O caso mais relevante desta justaposição religiosa deu-se com o deus Serápis, criação ptolomaica que, sob aparência grega, congregava a essência egípcia. Reunindo atributos dos deuses helénicos Zeus, Hélio, Dionísio, Plutão, Hades, Poséidon ou Asclépio e dos egípcios Osíris e Ápis, o novo deus, misturava em si caracteres funerários, ctónicos e solares provenientes de diversas origens culturais. Em Alexandria, a iconografia inscrevia-se na *interpretatio graeca*, claramente favorável à imagética antropomórfica⁷¹.

A elevação de Serápis a deus principal de Alexandria visava juntar em torno de uma divindade híbrida e do seu culto os grupos étnicos greco-macedónico e egípcio⁷². A notável lição de civilização dada pela tolerância religiosa dos Ptolomeus é um facto realçado por inúmeros autores. Para os sacrifícios e petições dos Gregos havia um altar diante do templo. Para o culto rendido à estátua à maneira egípcia devia haver, em princípio,

⁶⁹ O título «La fabrique des dieux» para caracterizar Alexandria é usado por Françoise Dunand in *Alexandrie III^e siècle av. J.-C. Tous les savoirs du monde ou le rêve d'universalité des Ptolémées*, Paris, Éditions Autrement, 1992, pp. 171-184.

⁷⁰ Sobre as várias divindades cultuadas em Alexandria, vide o cap. 5. «Religious life» in P. M. Fraser, *Ptolemaic Alexandria*, Vol. 1, Oxford, The Clarendon Press, 1972, pp. 189-301.

⁷¹ Em Mênfis, em contrapartida, preferiu-se sempre a tradicional iconografia taurina ou híbrida (corpo humano com cabeça de touro), expressando, assim, visualmente, a herança-descendência directa do antigo deus local, o boi Ápis.

⁷² A data de introdução do culto de Serápis em Alexandria (problema cronológico) é, ainda, alvo de viva controvérsia, sendo complicado pela própria flutuação e ambiguidade da terminologia usada pelos modernos estudiosos determiná-la com precisão, mas admite-se que o «período possível» corresponda à última década de Ptolomeu I Sóter, servindo as datas de 308/306 a. C. e 291 a. C. como balizas cronológicas (Cf. J. E. Stambaugh, *Sarapis under the early Ptolemies*, EPRO 25, Leiden, E. J. Brill, 1972, p. 6). P. M. Fraser opta pelo período entre 286 e 278 a.C., ou seja, final do reinado de Sóter/ inícios do de Filadelfo, para a instalação e dedicação da estátua de culto (Cf. P. M. Fraser, *Ob.Cit.*, p. 267).

capelas em estilo egípcio na área muralhada do templo⁷³. O *Serapeum* de Alexandria funcionava como autêntico santuário multicultural, onde a justaposição das devoções concorria para a conciliação e concórdia religioso-social.

Os reis lágidas tentaram judiciosamente realizar no plano religioso uma integração das etnias que recusavam noutros planos. É preciso lembrar que os casamentos mistos entre Gregos e indígenas, por exemplo, eram interditos em Náucratis e, durante muito tempo, em Alexandria e que houve sempre, como referimos, uma atitude favorável por parte do poder central à primazia dos Gregos na vida social da capital.

Ao mesmo tempo, a nova Casa Real do Egipto dotava a jovem cidade de uma divindade tutelar. Serápis transforma-se, assim, na divindade protectora de Alexandria, presidindo regularmente a actos políticos e sociais de grande significado na vida da pólis⁷⁴. O santuário rectangular do período polomaico, com 170 m de comprimento por 73 m de largura, impunha-se à cidade como um dos seus mais importantes pólos. Na época imperial romana, Serápis simbolizará a própria cidade de Alexandria, demonstrando como o seu culto e o seu templo se afirmaram na vida da cidade e, em consequência, na mentalidade mediterrânica⁷⁵.

Outro aspecto importante de frisar é o da própria localização escolhida por Ptolomeu I Sóter para o *Serapeum* de Alexandria. Ao optar pelo ponto mais elevado da colina de Rakotis (*Ra-ked*, em egípcio; actual Amud es Sawari, «sustentáculo de colunas»), a sudoeste de Alexandria, o fundador da dinastia lágida alcançou um triplo desiderato: 1) escolheu o mesmo sítio de um eventual culto local pré-existente, conferindo, dessa forma, uma continuidade simbólica e funcional à herança egípcia⁷⁶; 2) concretizou as sugestões aristotélicas que advogavam que o deus principal de uma cidade

⁷³ Cf. F. Dunand, *Le culte d'Isis dans le bassin oriental de la Méditerranée. I. Le culte d'Isis et les Ptolémées*, EPRO 26, Leiden, E. J. Brill, 1973, p. 57. É preciso considerar que os habitantes da egípcia Rakotis, não obstante a integração da sua localidade como «bairro indígena» da capital Alexandria, conservaram provavelmente os seus deuses, da mesma forma como os novos habitantes greco-macedónicos trouxeram as suas próprias divindades (ex.: Deméter e Dioniso), lhes construíram templos e capelas e lhes dedicaram festas específicas (Cf. F. Dunand, «La fabrique des dieux» in *Alexandrie III^e siècle av.J.-C.*, pp. 171, 172).

⁷⁴ Na época romana, um rito de passagem para a efebia levava os jovens a cortarem o seu cabelo em honra da cidade precisamente no *temenos* do *Serapeum*, atestando claramente o prestígio do santuário nas instituições da cidade (Cf. P. Ballet, *Ob. Cit.*, p. 155).

⁷⁵ Cf. P. M. Fraser, *Ob. Cit.*, pp. 27 e 116.

⁷⁶ Cf. François de Polignac, «Une ville singulière» in *Alexandrie III^e siècle av.J.-C.*, p. 136.

devia ser instalado numa localização elevada, tutelando e dominando simbolicamente a vida pública⁷⁷; 3) fez do templo de Serápis o elemento vital da organização do espaço urbano de Alexandria, dominando os dois portos marítimos da cidade, praticamente no enfiamento do pontão que dava acesso à ilha de Pharos.

O culto a Serápis tornou-se o culto da dinastia reinante e, em resultado das novas construções sagradas realizadas pelos Lágidas nas suas possessões exteriores, difundiu-se rapidamente por toda a bacia mediterrânica⁷⁸.

O omnipresente casal Osíris-Ísis da tradição faraónica deu lugar nos monumentos helenísticos à inseparável dupla Serápis-Ísis. Alguns autores não hesitam em considerar o novo casal divino como «les dieux dynastiques des Ptolémées»⁷⁹.

Em Alexandria, a antiga deusa egípcia assumiria as funções de protectora da navegação e dos marinheiros (*Ísis Pharia*, «Ísis, senhora do mar»; *Ísis Pelagia*, «Ísis, deusa do mar», e *Ísis Euploia*, «Ísis da feliz navegação»)⁸⁰. A «Ísis» de Alexandria seria representada ora com roupagens gregas (*chiton* ou *peplos* e *himation*), ora com vestes de origem egípcia, embora sob reinterpretação «à grega»⁸¹.

Apesar de já ser conhecida no mundo grego, no tempo dos primeiros Ptolomeus, Ísis prosseguirá a sua «carreira» em Alexandria um pouco à

⁷⁷ Cf. A. Bernand, *Alexandrie des Ptolémées*, p. 79.

⁷⁸ Cf. José das Candeias Sales. «A obra de Maneton e o culto alexandrino a Serápis: dois instrumentos de organização da memória ptolomaica» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, III Série, n.º 3. Memória e Sociedade, Lisboa, Universidade Aberta, 2001, pp. 61-87.

⁷⁹ R. Merkelbach, «Fêtes isiaques à l'époque gréco-romaine» in *Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg*, Strasbourg, Palais Universitaire, 1962, p. 236.

⁸⁰ As formas de *Pharia*, *Pelagia* e *Euploia* como senhora do mar e da navegação, atestadas abundantemente desde a Época Helenística, são consideradas formas tipicamente gregas da deusa, pois, primitivamente, não se lhe conhece nenhuma relação com o mar. Artisticamente, a imagem da deusa, de pé, à proa de um navio, com o vento enfunando a vela, também não representa qualquer elemento da arte faraónica (Cf. Jean Leclant, «Isis, déesse universelle et divinité locale, dans le monde gréco-romaine» in *Bulletin de Correspondance Hellenique. Supplément XIV. Iconographie classique et identités régionales*, Athènes, École française d'Athènes, 1986, pp. 346, 347. Na numismática alexandrina há testemunhos das três facetas da deusa (*Ísis Pharia*, *Ísis Euploia* e *Ísis Lactans*) — Cf. P. Ballet, *Ob. Cit.*, p. 156; F. Dunand, *Ob. Cit.*, pp. 176, 177; Soheir Bakhoum, «Les edifices alexandrins d'après les documents monétaires» in *Alexandrie. Lumière du Monde Antique. Les Dossiers d'Archéologie*, n.º 201, mars 1995, Dijon, Éditions Fatou, 1995, pp. 2-11; *Id.*, «La vie religieuse d'après les monnaies» in *Le Monde Copte.*, n.º 27-28, pp. 75, 77, 79, e *Iside. Il mito. Il misterio. La magia*, pp. 103 [III, 12 e III, 13], 104 [III, 14] e 106 [III, 18].

⁸¹ Em relação às vestes e aos símbolos distintivos de Ísis, vide *Ibid.*, pp. 98 (III, 22), 108 (III, 22) e 111 (III, 27). Subjacente ao «guardaroba rinnovato» de Ísis há uma permanência iconográfica multimilenar (Cf. Michel Malaise, «Iside ellenistica» in *Iside. Il mito. Il misterio. La magia*, p. 86).

sombra de Serápis⁸². Na *chôra*, no entanto, Serápis nunca alcançaria a devoção popular dedicada à deusa Ísis, pelo menos por parte da população indígena, a maioria demográfica do país. De finais do século II a meados do século I a. C., época marcada pelas revoltas nativas contra a dominação administrativa e cultural grega, a «Senhora» (κυρία) egípcia suplanta claramente o marido alexandrino, o «Senhor» (ὁ κύριος). Não é, por isso, de estranhar que haja muito mais estátuas de Ísis do que há de Serápis⁸³.

Ainda assim, há inúmeros testemunhos do culto serapiano, quer *ex-votos*, quer estátuas de diversos tipos (talhas, candeias, terracotas, bustos em mármore, grandes estátuas de madeira, etc.), que assinalam o seu relativo sucesso popular, sobretudo em Alexandria⁸⁴.

Na nova dinâmica cultural, sob impulso dos Lágidas, Serápis (patrono da realeza) e Ísis, sua companheira originária do Egito, eram o casal divino sustentador do soberano lágida. Se as rainhas lágidas chegam a auto-intitular-se *Nea Ísis*, «Nova Ísis», o rei é ele próprio o representante humano do deus dinástico (como Hórus era o representante de Osíris no Aquém). Serápis é percebido como um rei. Os reis humanos configuram-se ao modelo real-divino representado por Serápis. Neste registo intelectual, Serápis é o patrono e o suporte do poder da nova dinastia. Os Lágidas eram os sucessores dos antigos faraós. A justaposição cultural age aqui a favor do novo poder político.

Por acção directa de mercadores e devotos convertidos graças a curas milagrosas, o culto de Serápis e de Ísis difundiu-se pela bacia do Mediterrâneo na Época Greco-romana, sendo conhecido e praticado com bastante sucesso em Chipre, nas ilhas do Egeu, na costa sul da Ásia Menor, na Síria,

⁸² Também em Canopo, Ísis estava ligada a Serápis, sendo venerada como «a condutora das Musas» (Cf. A. Bernand, *Ob. Cit.*, p. 84; *Id.*, *Alexandrie la grande*, p. 132).

⁸³ Quer Ísis, quer Serápis, «the two new major deities promoted in the Hellenistic pantheon through Alexandria» tornaram-se conhecidos sobretudo por cópias tardias (Cf. R. R. R. Smith, *Ob. Cit.*, p. 206). Vide elementos iconográficos in *La gloire d'Alexandrie*, pp. 244, 245; *Iside. Il mito. Il misterio. La magia*, Milão, Electa, 1997, p. 100 — III, 7). Além das representações sob forma antropomórfica, sobretudo no período romano, Serápis e Ísis são também figurados, como já aludimos, sob forma animal: duas serpentes coroadas com os seus respectivos atributos, evocando o aspecto de «bons génios» e garantes da prosperidade e fertilidade do solo.

⁸⁴ O nome Σεραῖς e o seu feminino, Σεραῖς, são abreviaturas de nomes formados a partir de Serápis e demonstram igualmente a importância e a popularidade desta divindade (Cf. Étienne Bernand, *Inscriptions grecques d'Hermoupolis Magna et de sa nécropole*, Cairo, Institut Français d'Archéologie Orientale, 1999, pp. 39, 43 e 54, e P. M. Fraser, *Ob. Cit.*, p. 274). O nome teóforo grecizado Σεραπίων era também muito usado por indígenas e indicia a mesma popularidade (Cf. W. Peremans, «Les mariages mixtes dans l'Égypte des Lagides» in *Scritti in onore di Orsolina Montevicchi*, Bologna, Editrice Clueb, 1981, pp. 276, 280, 281).

em Rodes, em Delos, em Atenas, na Península Itálica, na Península Ibérica (caso de Panóias, no território que hoje é Portugal), em York, etc⁸⁵.

Com Ptolomeu IV Filopator (221-204 a.C.), Harpócrates ou Harpócrates, o «Hórus criança», foi integrado como filho de Serápis e de Ísis (copiando o multissecular modelo da tríade Osíris-Ísis-Hórus)⁸⁶. A nova tríade que dominará a vida cultural alexandrina conhecerá ainda a junção de um antigo comparsa osiriano: o deus Anupu/ Anúbis. O seu culto está também atestado no *Serapeum* de Alexandria (bem como em Mênfis e em Canopo)⁸⁷. Harpócrates e Anúbis acompanharam Serápis e Ísis na difusão pelo Mediterrâneo⁸⁸. O antigo «círculo osiriano» transfere-se, portanto, integralmente para o círculo «familiar» do deus Serápis, o que constitui um elemento suplementar de apelo para os devotos egípcios.

Serápis é um deus que age a diferentes níveis, seja pelos seus idiossincráticos e sincréticos atributos e funções, seja pelas motivações que estiveram na base da sua criação e da manutenção do seu culto. Só por razões operatórias podemos compartimentar as principais valências deste culto, uma vez que, na prática, todas elas funcionam em simultâneo e de forma integrada. A par de uma acção em prol da harmonização (mas não fusão) das

⁸⁵ Cf. J. C. Sales, *Ob. Cit.*, p. 71, e Robert Étienne, «Les syncrétismes religieux dans la Péninsule Ibérique a l'époque impériale» in *Les syncrétismes dans les religions grecque et romaine*, Paris, PUF, 1973, p. 160.

⁸⁶ O jovem Harpócrates alexandrino era representado de pé, nu ou com uma simples clâmide no braço esquerdo, um pouco desengonçado, segurando o corno da abundância, insígnia da prosperidade do reino. Os elementos que recordam a sua origem indígena são a coroa *pschent* (a dupla coroa branca e vermelha da antiga realeza egípcia) e o dedo indicador na boca (gesto típico dos antigos deuses-criança egípcios). Este gesto incitou os Gregos instalados no Egipto a identificarem-no como deus do silêncio. Nas emissões monetárias romanas, Harpócrates surgirá coroado com a *pschent*, com o *uraeus*, a serpente fêmea protectora de divindades e faraós, ou, então, emergindo de uma flor de lótus, referência ancestral da tradição mitológica egípcia para o nascimento dos deuses-criança, designadamente no âmbito cosmogónico hermopolitano. Esta última iconografia está também presente em terracotas e em numerosos relevos de templos ptolomaico-romanos (Cf. J. C. Sales, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, pp.168-170; P. Ballet, *Ob. Cit.*, p. 157; Soheir Bakhoum, *Ob. Cit.*, pp. 77, 78, e Marie-Françoise Boussac, «Harpocrate» in *La gloire d'Alexandrie*, p. 247. Vide elementos iconográficos in *Ibid.*, pp. 235 e 247).

⁸⁷ Na época romana, na função de deus dos mortos e da mumificação, Anupu/ Anúbis ficou bem patente nos túmulos de Alexandria. Era o equivalente egípcio de Hermes e chegou a ser honrado sob a forma de Hermanúbis, cujo nome mais não é do que a contracção da onomástica das duas deidades (Cf. P. Ballet, *Ob. Cit.*, p. 157). Hermanúbis foi a segunda divindade autenticamente helenística, isto é, criada na época de apogeu do alexandrinismo (Cf. S. Bakhoum, *Ob. Cit.*, p. 78).

⁸⁸ Cf. P. Ballet, *Ob. Cit.*, pp. 157, 158. «L'hellénisation des dieux égyptiens amènera ceux-ci à connaître l'universalité, succès qu'ils n'avaient jamais remporté jusqu'alors» (Florence Doyen, Rene Preys, «La présence grecque en Égypte ptolémaïque: Les traces d'une rencontre» in *L'atelier de orfèvre. Mélanges offerts à Ph. Derchain*, Leuven, Peeters, 1992, p. 82).

culturas e das memórias religiosas e cultuais de Gregos e de Egípcios é de destacar, pelo seu sentido ideológico, a vertente de figura protectora da dinastia ptolomaica e da cidade de Alexandria. A sua «exportação» fez-se à conta da sua feição alexandrina de deus agregador e unificador das populações, ele próprio arauto de uma mensagem universal e cosmopolita.

A metrópole que Alexandria foi durante os séculos III e II a. C., sem se poder separar da sua feição industrial, comercial, cultural e de centro académico, não se pode igualmente afastar do seu panteão híbrido, novo, em que se conciliaram traços funcionais e formais ancestrais com outros emergentes, na demanda de um sincretismo original, frutífero e eficaz. Qual «templo do mundo», como os textos herméticos lhe chamam, *Alexandria ad Aegyptum* impôs-se também pela vitalidade dos seus cultos⁸⁹.

Conclusão

O imaginário prodigioso da cidade de Alexandria compõe-se de múltiplos aspectos. O seu «brilho» é, sem dúvida, material, como grande centro comercial e placa giratória entre o Ocidente e o Oriente, entre a civilização europeia e as civilizações faraónica, copta e árabe; mas é também e sobretudo um esplendor intelectual e espiritual, no mais completo e abrangente sentido do termo, de uma extrema riqueza e diversidade.

O seu glorioso passado, os homens ilustres ou menos ilustres que a dinamizaram, os espectaculares monumentos de outrora registaram-se para sempre no imaginário colectivo da Humanidade. O seu destino de vocação ecuménica e a dimensão colectiva do trabalho intelectual alexandrino galgaram os séculos. Como um palimpsesto, a cidade de Alexandria guardou marcas das sucessivas dominações políticas e culturais e forneceu modelos referenciais ao Oriente bizantino, ao Islão medieval e ao Ocidente latino.

As trocas comerciais, técnicas e espirituais fizeram de Alexandria uma urbe de pululante vida e dinamismo e um centro de civilização universal com papel fundamental na modelação dos tempos vindouros. A cidade microcosmos assumiu-se na Época Greco-romana como a quinta-essência da civilização. Lugar de memórias, Alexandria reflectiu um projecto de alcance universal. O seu legado cultural e espiritual ultrapassou as fronteiras do Egito e até da própria bacia mediterrânica.

⁸⁹ Cf. P. Ballet, *Ob. Cit.*, p. 147.

Incarnando um mundo com vastíssimas fronteiras históricas e geográficas, Alexandria foi o coração do império helenístico e da cultura antiga. Como escreveu o ministro da Cultura do Egito no catálogo de exposição *La gloire d'Alexandrie*: «Alexandrie c'est une cité dont la gloire ne rejaillit pas sur la seule Égypte mais sur l'humanité toute entière»⁹⁰. A cidade de Alexandre foi um dos maiores locais da nossa civilização, num momento privilegiado da história do Egito helenístico. Não é, por isto, exagerado vê-la como protótipo de metrópole universal nem tampouco como uma das pedras angulares da história da própria civilização ocidental.

⁹⁰ Farouk Hosny in *Catalogue générale de l'exposition «La gloire d'Alexandrie»* (Paris, 7 mai-26 juillet 1998), Paris, Paris-Musées, 1998, p. 24.